

# A história de uma saga



## Contemporâneo do futuro

**J**uscelino Kubitschek estaria completando hoje 79 anos. Saudades de Nonô, saudades daquela época de inflação vertiginosa que alcançou 30% em 1960. A inauguração do Memorial em sua homenagem instala a lembrança oficial que se ajusta a outra, popular, de tempos discutidos, debatidos, sofridos e nem por isso menos brasileiros.

JK virou estátua e do alto dos 28 metros contempla sua obra, a meta síntese daqueles anos loucos em que o país mudou. Cinquenta anos em cinco, o que pode ter-se constituído apenas numa legenda. Quem sabe, quarenta ou trinta anos em cinco? Na realidade, isto pouco importa. Há um divisor de águas na história, porque JK reciclou o Brasil e dirigiu este país complexo no sentido do desenvolvimento. Dividiu o tempo em duas eras: antes e depois de seu governo.

Aconteceu uma corrida contra o tempo. Os conservadores repetiram o Velho do Restelo lembrado por Camões. Taciturnos balançavam a cabeça sob a alegação de que aquilo não ia dar certo. Saudades de Nonô, da audácia de um país tropical fabricar automóveis, abrir estradas, voltar-se para seu interior, construir uma nova capital. Tudo isto com música, com espírito, com bom humor. Bons tempos aqueles que era possível sonhar com um futuro que aos trancos e barrancos conheceu naquele período — marco decisivo.

Uma característica do período JK foi a tolerância política. Anistiu militares rebelados, conversou com irados estudantes esquerdistas, negociou com empresários, contornou exigências do Fundo Monetário Internacional. Conseguiu atrair investimentos externos numa época em que a oposição enxergava no tropicalismo brasileiro a explicação para a absoluta

impossibilidade de desenvolver aqui uma indústria organizada.

Foi assim, negociando à direita e à esquerda, que JK criou a mística do desenvolvimentismo — termo que em seu governo ganhou conotação específica. Desenvolver o país passou a se constituir na razão de ser do poder central. A corrida em favor do desenvolvimento legitimou seu projeto, porque o governo havia, antes, passado pela legitimação das eleições. Foi um período democrático que, combinando as duas linhas, negociação política e desenvolvimento, conseguiu um prodígio na política brasileira: JK foi o único presidente da República a começar e terminar seu mandato desde a Revolução de trinta até a de 64.

Mais: entregou o governo a um sucessor eleito pela oposição que, horas depois de empossado, fez violento discurso condenando os excessos da era JK. Isto só aconteceu em democracias. A importância daquele período de governo tor-

na-se mais nítida se for lembrado o Brasil da época. Era um país com pouco mais de cinquenta milhões de habitantes que viviam tempos ingênuos. Dois para lá, dois para cá, aviões da Panair, usque com guaraná. Tudo importado, caminhões, automóveis, idéias, fábricas. Um país conformado em habitar o litoral, desconhecer seu interior, mais que isso, conformado em ser um grande exportador de café, uma espécie de fazenda inquietada pela vastidão do território e pela impossibilidade de explorá-lo.

O que aconteceu aqui entre 1956 e 1960 terá várias explicações. Mas a industrialização modificou substancialmente áreas inteiras do país. A expansão em direção ao centro-oeste, de que Brasília é marca registrada, trouxe o desenvolvimento para regiões esquecidas do território. A estrada das onças, designação rançosa de um ex-presidente para a Belém-Brasília, hoje tem quase três milhões de habitantes ao longo de

seu trajeto. O norte ligou-se ao sul através daquela rodovia.

Estes são, no entanto, exemplos de obras marcantes. Mas o que dizer do asfaltamento da rodovia que liga Beló Horizonte ao Rio de Janeiro? Visto com olhos de hoje, aquele foi um trabalho sem importância — mas foi JK que ligou os mineiros ao sul do país por estrada de asfalto. Em 1957. Pequenas obras como aquela ou grandes empreendimentos, de que a industrialização é magnífico exemplo, evidenciam que outro país surgiu daquele curto espaço de tempo, os cinco anos do mandato de JK.

A velocidade do desenvolvimento e a rapidez das mudanças apagam alguns registros na memória. Alguns, mas nem todos. Não há como esquecer que vinte e poucos anos atrás no local onde hoje existe Brasília havia cerrado virgem e inexplorado. Mata pura. Saudades de Nonô.